



ISSN: 1983-8379

Uma escrita *desplazada*: literatura e deslocamentos em Sylvia Molloy

Dayane Campos da Cunha¹

RESUMO: Analisaremos as relações entre a experiência vivida e a estética literária a partir da leitura dos relatos autobiográficos que compõem a obra *Varia Imaginación*, da escritora argentina Sylvia Molloy. Consideraremos também algumas entrevistas e ensaios da mesma escritora que remetem às questões do deslocamento, da construção de uma estética migrante, aspectos que se relacionam ao livro anteriormente mencionado.

Palavras-chave: Literatura; Autobiografia; Território; *Home*; Deslocamento.

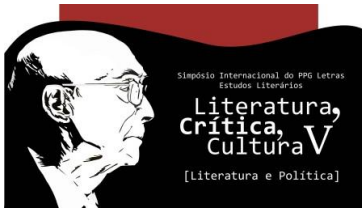
RESUMEN: Analizaremos las relaciones entre la experiencia vivida y la estética literaria a partir de la lectura de los relatos autobiográficos que componen la obra *Varia Imaginación*, de la escritora argentina Sylvia Molloy. Vamos a considerar también algunas entrevistas y ensayos de la misma escritora que remiten a las cuestiones del desplazamiento, de una estética migrante, aspectos que tienen relación con el mencionado libro.

Palabras-clave: Literatura; Autobiografía; Territorio; *Home*; Desplazamiento.

O trabalho parte da análise das relações entre vida e escritura, isto é, entre a experiência vivida e a estética literária desenvolvida por autores que se veem diante da problemática de escrever sua literatura desde um lugar que não se configura como seu *home/lar* no sentido estrito e simbólico, conceito desenvolvido pelo estudioso grego Theano S. Terkenli em artigo intitulado “Home as a region”. Para a presente análise levaremos em consideração conceitos importantes que se imbricam na relação entre o escritor e a literatura, especialmente no caso de escritores latino-americanos que vivem e escrevem em outros países. Trabalharemos com o já mencionado conceito de *home*, relacionando-o às noções desenvolvidas pelo geógrafo Rogério Haesbaert de desterritorialização – noção que se relaciona intimamente com outros conceitos, dentre os quais: território, multiterritorialidade, re-territorialização, des-reterritorialização – cujas implicações estudaremos mais detidamente ao longo do trabalho.

Propomos desenvolver este estudo a partir da leitura de *Varia Imaginación*, livro que se configura como escrita de si, no qual Sylvia Molloy reúne o que chama de *retazos* [retalhos] da memória na conformação de um sujeito em constante trânsito tanto na esfera corporal quanto linguística e desse modo, poderíamos acrescentar, identitária. Relacionaremos o livro com as entrevistas concedidas pela escritora por ocasião do lançamento do mesmo e

¹ Mestranda em Estudos Literários pelo Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal de Juiz de Fora.



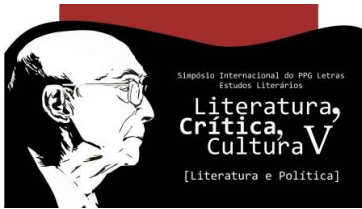
ISSN: 1983-8379

ainda com outro livro publicado em 2006, em que Molloy, juntamente com Mariano Siskind, reúne ensaios de escritores argentinos que vivenciam a experiência do deslocamento, do exílio e em seus textos refletem sobre as relações da experiência migrante e sua escrita, muitas vezes ela mesma deslocada.

Lançamos mão do conceito de *frontería*, que Abril Trigo propõe em seu ensaio “Fronteras de la Epistemología. Epistemología de la frontera”, como uma forma de entender as relações que se podem estabelecer para além das fronteiras a que todos estamos sujeitos. Enquanto linha que demarca território, a fronteira limita; em contrapartida, a *frontería* estabelece novas conexões, ligamentos: avança. Podemos nos perguntar qual seria o “lugar” do intelectual que escreve fora de seu *home*. Lembrando o que Hugo Achugar afirma em seu livro *Planetas sem boca*, de que sempre se fala a partir de um lugar. Então qual seria o “locus” daquele escritor que, como um deslocado geograficamente, faz enunciar sua voz desde este outro local? Seria o que Abril Trigo chama de “o pensamento do fora”, o que está sempre além?

Tais questões mostram-se importantes na medida em que na contemporaneidade a experiência da migração está sendo não apenas fortemente percebida como também discutida a partir de muitos pontos de vista. Fala-se em fim das fronteiras, dos territórios. Mas estariam as fronteiras extintas? Sabemos que não e propomos pensar que a mobilidade não cria necessariamente um desenraizamento [ao menos não de forma total], cria, isso sim, novas formas de ver a si mesmo, ao outro e à literatura, enfim. Em Sylvia Molloy a questão do deslocamento é uma constante, que aparece tanto em seu trabalho ficcional quanto em seus textos críticos e ensaísticos. Além do deslocamento, a autora trabalha com a questão da memória, aliás, dos deslocamentos da memória, traço também relevante em toda sua escritura.

Sylvia Molloy viveu até os 20 anos na Argentina de onde partiu para estudar na França, em 1958, retornando para logo partir novamente, dessa vez para os Estados Unidos, em 1967, onde atualmente leciona literatura latino-americana e comparada na Universidade de Nova Iorque. Publicou vários livros, entre os quais: *En breve cárcel* (1981), *El común olvido* (2002), *Varia Imaginación* (2003) e *Desarticulaciones* (2010). A autora publicou também trabalhos críticos sobre escritores hispanoamericanos - *Las letras de Borges* (1979) *Vale o escrito: a escrita autobiográfica na América Hispânica* (publicado no Brasil em 2003),



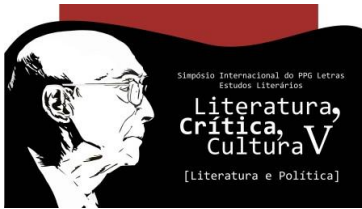
ISSN: 1983-8379

entre outros –. Em seus livros podemos notar a formação de um fio condutor que os atravessa como problemática: deslocamento, memória, consciência do ato mesmo de narrar. Essas três preocupações, vamos encontrá-las também em seu trabalho autobiográfico *Varia Imaginación*, livro no qual a escritora reúne fragmentos de sua infância na Argentina, viagens, relatos de outras pessoas, cuja característica comum é a incompletude, a consciência da falta de acesso aos fatos, da mediação da palavra e das traições da memória. No que se refere à memória podemos pensar a persistente preocupação com suas lacunas e seu trabalho - central nos relatos - como uma “resposta” ao que Molloy observou ao estudar autobiografias de escritores hispanoamericanos. Segundo ela, ao tratar de suas vidas, os escritores analisados não se preocupam em especular o ato da rememoração: “à memória é dada pouca atenção: seu funcionamento raras vezes é mencionado, muito menos questionado” (MOLLOY, 2003a, p. 224-225). Em *Varia Imaginación* questiona-se constantemente o trabalho da memória, ele mesmo repleto de lacunas, acréscimos e deslocamentos. A título de ilustração, citamos alguns trechos em que a narradora chama a atenção para sua própria narrativa, constituída de lembranças, mas também de incertezas quanto ao que se recorda: “tampoco recuerdo si le dije algo” (MOLLOY, 2003b, p.14)²; “creo recordar que mi madre estaba triste” (V.I., p 25); “Cuando a mi regreso hablo con Pablo, le digo cómo se te ocurre mandarme decir que demolieron la casa, si sigue en pie. Pablo insiste, pero está totalmente cambiada, le han agregado [...] ya no es la misma casa sino otra [...] Me doy cuenta de que es inútil insistir en lo contrario. *Acaso los dos tengamos razón*” (V.I., p.12, grifo nosso).

Os trechos acima apontam para o olhar atento que a narradora lança ao trabalho da rememoração, pois o que se destaca é a impossibilidade de se acessar os fatos, atravessados que estão pelo olhar de quem os vivencia. Extensivamente poderíamos ler essa abordagem como um questionamento à ideia de verdade única, pois aqui o que se evidencia são as incertezas e lacunas com as quais o sujeito se defronta ao revisar o passado.

O livro está dividido em quatro unidades temáticas – “Familia”, “Viaje”, “Citas” e “Disrupción”. Em cada uma reúnem-se breves relatos, recordações de experiências pessoais ou de outras pessoas, relatos ouvidos ou vividos, que se passam principalmente na cidade do

² A partir de agora as citações da obra serão feitas mediante abreviatura do título – VI– e paginação.



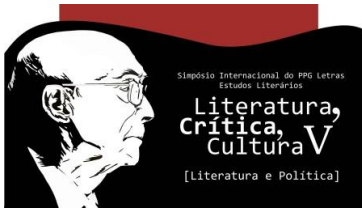
ISSN: 1983-8379

Olivos, Argentina, onde, como já dissemos, Sylvia Molloy viveu até os 20 anos. O livro está escrito em primeira pessoa e foi publicado logo depois de *El común Olvido*, cujo protagonista, Daniel, vive em Nova Iorque e volta à Argentina para realizar o último desejo da mãe. O relato também se constrói por deslocamentos, perdas e fragmentação da experiência, como ocorre em *Varia Imaginación*. Segundo Molloy, este último foi escrito como uma espécie de continuação ao outro, pois havia relatos que ela gostaria de contar, mas que não poderia ter feito em *El común olvido*.

Os relatos de *Varia Imaginación* apresentam uma operação de escrita que coloca em evidência o caráter ficcional – “La escritura autobiográfica, por otra parte, es siempre un ejercicio de ficción...” (MOLLOY. Entrevista a Massare, 2003) - do próprio gênero autobiográfico ao trabalhar não com certezas e dados mas com impressões, com faltas. Por outro lado a experiência do sujeito autor não fica fora das letras que ele deposita nas páginas de seu livro. Há um encontro – que desliza entre o factual e o fictício – da escrita com a experiência vivida, o que no caso de Molloy, escritora em situação de migrante, configura um sujeito em constante deslocamento. Esse aspecto se deixa apreender em sua escritura pela própria impossibilidade de se chegar a um todo, de criar um quadro a partir do qual se possa reconstituir um “eu”. O que se tem são sempre retratos partidos, elaborados a partir de fragmentos de uma identidade consciente de sua não-uniidade, como afirma a escritora em entrevista a Ariel Schettini: “Por eso lo armé de a pedacitos y no aspira a reconstruir un itinerario, una vida y mucho menos un ‘yo’”. (MOLLOY. Entrevista a Schettini, 2003).

A partir dessa breve apresentação do livro propomos pensar nas relações entre a vida e a obra dessa escritora e como em sua escrita surgem traços de sua experiência de estar em outro lugar, de estar “afuera” de seu país. O que esse deslocamento provoca em sua produção e, para além disso, como, se for possível, configurar um perfil de intelectual a partir desse caso específico, cuja participação na literatura nacional se dá na tensão entre estar lá, participar, mas desde um outro lugar?

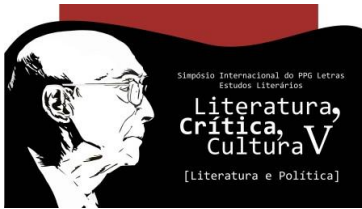
1. Estar em outro território: desterritorializado?



ISSN: 1983-8379

Para falar sobre estar fora, escrever desde um outro espaço, é preciso que antes trabalhemos o que seria o “dentro”, o território como lugar funcional, delimitado por fronteiras e em seu aspecto simbólico, que está intimamente ligado à subjetividade e à língua. Estar em outro lugar implica desterritorialização? Quais processos o indivíduo vivencia ao deixar seu país? Qual a relação que mantém com ele ou, ainda, o que se perde e o que fica do território no sujeito que o deixa (ao menos aquele demarcado pela linha fronteira)? A escritura carrega marcas? Bom, para analisarmos a obra da escritora Sylvia Molloy desde essa perspectiva, propomos iniciar pela definição que o geógrafo Rogério Haesbaert dá ao termo território. Etimologicamente, território já apresenta uma dupla dimensão – material e simbólica – pois, segundo o autor, o termo aparece próximo de *terra-territorium* mas também de *térreo-terror* (terror-aterroar), o que implica considerar o controle sobre a terra (física) e o aspecto segundo o qual território inspiraria terror naquele que fica fora da área demarcada. Assim, não se pode desconsiderar a importância do fato de o termo estar intimamente relacionado às relações de poder, tanto no sentido mais concreto quanto no simbólico, de apropriação (HAESBAERT, 2005, p. 6774).

Ainda segundo o geógrafo, na contemporaneidade, conhecida sobretudo pelos prefixos “pós”, cria-se um mito segundo o qual estaríamos vivendo um processo de fim dos territórios devido à suposta fluidez das fronteiras a partir da globalização e dos sistemas de informação. Em seu livro *O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade*, Haesbaert defende, no entanto, que o que muitos autores denominariam desterritorialização seria na verdade a vivência de novas formas de re-territorialização, processo a que ele propõe chamar multiterritorialidade. Mas se nos detemos em seus conceitos é porque nos interessa pensar na relação entre o território concreto e simbólico na conformação dessa intelectual e de tantos outros que vivem a experiência de uma extraterritorialidade. O geógrafo lança mão do termo territorialidade para falar sobre a dimensão simbólica. Segundo ele, “ao falar-se em territorialidade, estar-se ia dando ênfase ao caráter simbólico, [...] isto significa que o território carregaria sempre, de forma indissociável, uma dimensão simbólica, ou cultural em sentido estrito, e uma dimensão material, de natureza predominantemente econômico-política” (HAESBAERT, 2007, p. 74).



ISSN: 1983-8379

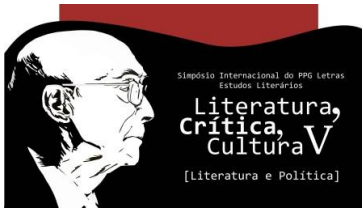
Desse modo não há como falar de um aspecto sem mencionar o outro, pois ambos compõem esse que é o termo central de seus estudos. Em sua dimensão concreta ele tem a ver com fronteiras, política, defesa, delimitação de espaços e com a língua nacional. Nesse sentido pensamos em como esse território influencia aqueles que mantêm uma ligação indissociável com a língua nacional: os escritores. A língua pode tornar-se ela mesma um território? Quando perguntamos isso, estamos postulando algo que integra o mencionado caráter político, mas toca especialmente no aspecto simbólico, pois através dos usos da língua pode-se levar o território para além da fronteira – para o extraterritorial.

Aqui vale introduzir um conceito também abrangente e que tem profunda relação com o território: trata-se da noção de *home*, proposta, por Terkenli que, como veremos, dialoga com muitas questões que perpassam a escrita daqueles que vivem em exílio – do latim *exilium*, que pode ser definido como a expatriação voluntária ou forçada de uma pessoa.

Segundo o estudioso grego, o vocábulo, que poderíamos traduzir por “lar”, seria um termo multidimensional e de caráter profundamente simbólico, o que implica que não se pode defini-lo apenas a partir de conceitos exclusivamente espaciais. *Home* tem a ver, entre outras coisas, com uma característica do ser humano, que é a busca por um “lugar”, por um ponto de referência, daí que, por exemplo, Molloy em entrevista concedida a Argentinidad... Al Palo, fale em “pátrias chicas”:

esas patrias chicas todo el mundo las lleva dentro explícitamente como lugares concretos o como refugios [...] muy concretos en el recuerdo, pero es ahí donde tienen que quedar, en el recuerdo, porque no la volvés a encontrar en la realidad. No poder hacer coincidir el recuerdo con una realidad que querés recobrar es lo que hace que escribas. Siempre se escribe desde una falta do desplazamiento (MOLLOY. Entrevista concedida a Argentinidad... Al Palo..., 2006).

Molloy aponta para esse *home* como um refúgio, para onde não se pode voltar de forma concreta, e cuja volta só se pode empreender simbolicamente, através da escrita, de um certo modo de escrita. Outro aspecto que a autora deixa transparecer em sua asserção é o caráter de sua [e, segundo ela, de toda literatura] escritura: é pela falta que se escreve. Nesse sentido podemos pensar no que Terkenli aponta como o diálogo com o *home* desde um *nonhome* - essencial para a análise de uma escrita que nasce precisamente desse diálogo como cremos ser o caso de Molloy. Ao falar sobre a relação entre *Varia Imaginación* com seu livro

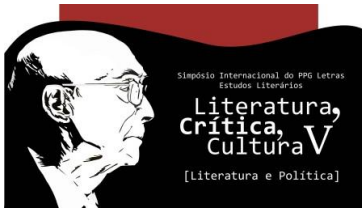


ISSN: 1983-8379

anterior a escritora afirma: “Y por eso creo que están muy marcadas por la idea de una vuelta, de un regreso, de una familia que se ha perdido y de muertes dentro de la familia. Es decir, de *alguna manera, son productos del exilio* (MOLLOY. Entrevista a Schettini, 2003, grifo nosso). Para Terkenli, é sempre muito significativa a experiência do lar a partir da perspectiva do “fora”, pois em geral é com a perda e o distanciamento que se costuma voltar o olhar em direção ao “aqui”, que se torna então um “lá”, para vê-lo numa perspectiva diferente, talvez mesmo privilegiada. O retorno, se há, é também um processo de novo conhecimento, ou seja, de re-conhecimento (e não apenas de reconhecimento), pois ao voltar o sujeito já não encontra seu *home* tal como o via, uma vez que ele próprio, marcado pela vivência do *nohhome*, não é o mesmo sujeito e, portanto, não possui o mesmo olhar, pois este incorpora tanto o lar deixado para trás quanto aquele novo território, configurando um contexto no qual não há coincidência possível entre o que se recorda e o que se vê efetivamente.

Tal relação implica em que não há “retorno” possível, exceto pela escritura, a qual se configuraria então como tentativa de encontrar ou reencontrar um *home* possível. É nesse aspecto que as reflexões suscitadas por intelectuais como Sylvia Molloy e outros que compartilham da experiência do deslocamento, transformando-o em forma peculiar de ver e escrever nos são importantes, já que contemporaneamente discute-se muito o “fim” fronteiras, como se não se criassem sempre novas maneiras de delimitar espaços, bem como formas de transitar para além deles, construindo linhas de fuga, segundo Gilles Deleuze e Félix Guattari. Molloy trata o deslocamento como condição primeira de toda literatura, pois segundo ela “toda literatura es producto de un desplazamiento, de un desvío, es un mirar las cosas de otro modo...” (MOLLOY. Entrevista a La Argentinidad ... Al Palo, 2006) mas quando a essa condição “natural” soma-se a do escritor que, como ela, vive em outro país e usa cotidianamente a língua do outro pode ter como resultado uma perspectiva que a autora considera interessante – “ Para mí estar desplazado es una perspectiva muy valiosa” (MOLLOY Entrevista a La Argentinidad ... Al Palo, 2006) – pois permite um olhar dúbio, aqui e ali ao mesmo tempo.

A autora, que não apenas vivencia o exílio, mas também trabalha essa condição tratando-a como experiência que acarreta traumas e ao mesmo tempo possibilita um olhar diferenciado sobre a própria literatura, reuniu-se em 2005 com outros escritores argentinos



ISSN: 1983-8379

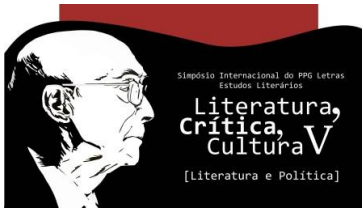
que também vivem e trabalham em outros países, para o congresso realizado na universidade de Nova Iorque – “Literatura argentina: adentro y afuera” - para discutirem e intercambiarem as múltiplas experiências e a forma como elas acarretam outras que perpassam a literatura de seu país, a partir da perspectiva dual do “dentro” e do “fora”.

Desse congresso, resultou o livro *Poéticas de la distancia: adentro y afuera da la literatura argentina*, publicado em 2006 pela editora Norma, cuja organização foi feita por Molloy e Mariano Siskind. O livro traz treze textos que já em sua constituição se apresentam fugidios ao estabelecimento de uma tipologia: são uma mescla de ensaio, escrita de si e ficção. Os escritores, entre os quais a própria Molloy, Luisa Valenzuela, Luisa Futoransky apresentam a trajetória de vida e sua maneira de participar da literatura argentina desde um lugar outro. O que encontramos em comum são o deslocamento e o estranhamento, a “sensação” de desterritorializar-se para re-terretorializar-se de outras maneiras, de viver fora de seu país e manter em sua escritura a tensão entre esse não-estar e ao mesmo tempo pertencer ao campo literário argentino e latino-americano.

Alguns dos escritores veem esse distanciamento como essencial para sua produção literária, como assevera Molloy no ensaio cujo título já nos coloca diante de um duplo território linguístico: “Back home: un posible comienzo”. Ela se pergunta se haveria tornado-se escritora caso tivesse permanecido na Argentina: “¿Hubiera escrito? Tiendo a pensar que no, que para mí la escritura surge precisamente del desplazamiento y de la pérdida: pérdida de un punto de partida, de un lugar de origen, en suma de un casa irrecuperable” (MOLLOY, 2006, p.18). Para ela, o escritor mantém relação com a literatura de seu país por meio das recordações, material para sua própria produção: “y ese país está compuesto de recuerdos varios, de fabulaciones a partir de esos recuerdos, de lecturas que uno convoca del archivo, pero también y sobre todo de deseos y traumas presentes” (MOLLOY, 2006, p.20-21).

São os *recuerdos* que se tornam a matéria ficcional da escritora, a qual os reúne para tentar uma volta, sabendo que essa volta não é mais possível. É a tentativa que impulsiona sua escrita; uma escrita marcada por esse desencontro.

A língua, intimamente ligada a território e nação, é política por excelência, de modo que usá-la é posicionar-se perante essas problemáticas. Em *Varia Imaginación* temos o que



ISSN: 1983-8379

poderíamos chamar de um deslocamento linguístico, ao lado de outro que tem lugar nos relatos do livro: o deslocamento corporal. Sobre esses aspectos falaremos adiante.

2. Deslocamentos: corpo em trânsito, língua em trânsito

Antes de lançarmos nosso olhar para o livro *Varia Imaginación*, gostaríamos de trazer à luz o que Molloy fala - em entrevistas e no mencionado ensaio - sobre a questão do uso das línguas:

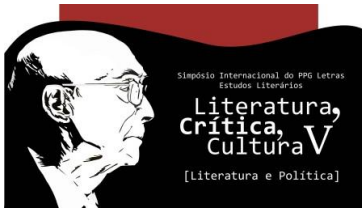
Pienso que el haberme creado bilíngüe, casi trilingüe, instauró muy pronto en mí, mucho antes de salir de la Argentina, esa mirada dual de que habla Luisa Valenzuela, la sensación de extrañeza [...] ser bilíngüe es hablar sabiendo que lo que se dice está siempre siendo dicho en otro lado, en muchos lados” (MOLLOY, 2006, p.19).

A expressão “mirada dual”, que Molloy toma emprestada de Luisa Valenzuela, foi usada por esta última para defender o deslocamento e o distanciamento como propiciadores de uma visão privilegiada. Todo artista tem, segundo Valenzuela, raízes aéreas, isto é, tem raízes, mas não estão fixas em um território, o que para os escritores de seu país que vivem situação semelhante torna-se mais patente. Eles são, assim como sua forma de escritura, comparáveis ao que Valenzuela chama de “clavel del aire”, planta que não é parasita, isto é, não está presa ao solo. Em suas palavras: “uno escribe siempre tratando de entender, de abrirse a una busca o pregunta. Cosas de la mirada dual – viviendo lejos - , de las raíces aéreas pero de claro origen” (VALENZUELA, 2006. In.: MOLLOY; SISKIND, 2006, p. 154).

Por esse pequeno excerto podemos observar como se estabelecem diálogos, confluências entre as duas escritoras, marcadas cada qual a seu modo pela experiência do “desenraizamento” e, por que não, do re-enraizamento a partir de outra perspectiva, qual seja, a da própria busca pelas raízes?

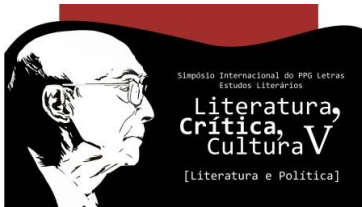
Atentemos para a forma como é tratada no livro de Molloy a questão da experiência do desarraigamento, dos fluxos corporal e linguístico.

A narradora encontra-se ao longo de toda a obra em constante trânsito. Ela desloca-se entre o francês, língua da família da mãe, o espanhol e o inglês – língua da avó paterna. Como aparece então essa mescla, esse ir e vir entre as três línguas? O espanhol é a língua de escrita



do livro, mas diversas vezes surgem frases de expressões, ora em inglês, ora em francês. Em alguns desses momentos a narradora age como mediadora nos diálogos e outras vezes cabe a ela a tarefa da tradução, posições que a situam em um lugar a um tempo incômodo e privilegiado, já que é ela quem nesses momentos age como ponte possibilitando diálogos. Vale mencionar aqui o que Molloy diz a Bruno Massare sobre sua relação com os idiomas: “Por más que uno sólo puede escribir en un idioma, está pensando en más de uno, y eso a veces genera algo diferente en la escritura, el resultado final es algo donde todo está mezclado” (MOLLOY. Entrevista a Massare, 2003).

Dessa forma, a convivência com mais de uma língua propicia um olhar distinto sobre o que se escreve, já que o deslocar-se entre idiomas permitiria, para a autora, a de outras formas de ler o mundo. Vejamos um trecho do livro *Varia Imaginación* em que aparece uma expressão em inglês: “Sólo recuerdo que al llegar a una frase que decía que el protagonista “gave a low , sexual laugh” (VI, p 28). Essas trocas entre os idiomas geram muitas vezes desentendimento e desencontros, outras vezes são a possibilidade de se falar de algo interdito, como no exemplo anterior, em que a narradora afirma ter se sentido incomodada, pois a frase de um livro falava de certo modo sobre sua sexualidade. A relação estabelecida entre as línguas é importante na construção dos relatos que compõem o livro, pois ao mesmo tempo em que permite à narradora recordar-se de forma variada e múltipla dos acontecimentos, e por conseguinte, ter acessos distintos a seu passado, tal ir e vir algumas vezes interdita o ato de recordar, gerando lacunas e desequilíbrio, o que aponta para certo desconforto de não se estar situado em um ponto preciso. Há um trecho em que esse desconforto é evidenciado: a narradora não se recorda em que idioma falou à avó antes que esta falecesse. O conhecimento das línguas é um instrumento de liberdade que por vezes apresenta outra face, ao tornar-se uma forma adicional de esquecimento e perda: “... recuerdo haberle hablado, no sé en qué idioma. Este recuerdo, este no saber en qué idioma le hablé, no me deja (VI, p.76). Essa lacuna, a narradora transforma-a em relato, numa clara referência aqui à atividade da própria escritora. Como em um espelho, vemos a narradora fazer da falta matéria para a atividade literária, como o faz a própria Sylvia Molloy: “De hecho, he recurrido a èl en dos relatos, trying tomeke sense of it: en uno de esos relatos, un chico habla inglés y hace feliz a la abuela, en el otro se niega (VI, p.76). O vivido pela narradora transforma-se em relatos



ISSN: 1983-8379

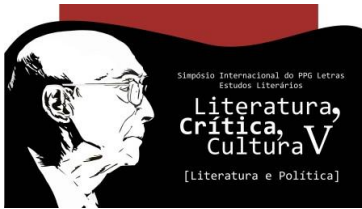
distintos, configurando tentativas de compreender o que havia ocorrido, de postular outras possibilidades; de, em suma, preencher os vazios deixados pela memória a partir da re-criação dos acontecimentos.

Ao deslocamento linguístico, relacionamos o corporal ou espacial, aqueles que a narradora conta ao longo das narrativas. Muitos relatos abordam viagens, idas, retornos, encontros e desencontros, ruínas etc. Alguns foram agrupados na unidade *Viaje* – em que temos viagens com amigos, excursões com a família, como a de San Nicolás de los Arroyos, a de Vichy [na qual aparecem certas referências à guerra], entre outros. No entanto, não se limitam a essa unidade: deslocamentos são tema já dos primeiros relatos e a temática surge também no relato que “fecha” o livro. Trata-se de “Atmosféricas”, no qual a narradora fala sobre os ataques de 11 de setembro de 2001. O leitor nota com clareza o que em entrevistas a autora chamou de sensação de “no estar del todo”, de estar em um lugar intersticial, pois como podemos observar adiante, a protagonista sentiu que os lugares se mesclavam, se diluíam:

empecé a soñar con Buenos Aires, noche tras noche. Fue entonces cuando me sorprendí pensando en mi madre, mi padre, mi tía, mi hermana: todos muertos. Eran recuerdos o sueños (no estoy segura de poder distinguir entre los dos) de un pasado muy lejano cuando todavía no sabía que no iba a pasar el resto de mi vida en Buenos Aires[...] estoy en Buenos Aires, me digo, estoy en casa de mis padres. No, no me ido. Está refrescando, mejor que entre (VI, p.104-105).

É interessante que essa experiência do onze de setembro é retomada em uma das entrevistas e também no ensaio de que falamos anteriormente – “Bak home: un posible comienzo”. Molloy ressalta a importância da ligação desse acontecimento com sua percepção dos espaços e lembranças, que se alterou desde então, e o menciona como propulsor da escrita de *Varia Imaginación*:

la necesidad de rearmar un lugar de origen es muy fuerte. Yo recuerdo (y ya lo he escrito) que en los días que siguieron al ataque a las torres gemelas me visitaban como nunca recuerdos de Buenos Aires. Hasta un perro que ladraba en la casa detrás de la nuestra en Olivos, cuando yo era chica. Desde entonces me ha quedado la memoria irremediabilmente contaminada, y a partir de esa experiencia que empecé a escribir de manera sostenida los relatos más o menos autobiográficos de *Varia Imaginación*. Esa es, por ahora, mi manera de volver (MOLLOY, 2006, p 21).



ISSN: 1983-8379

Através do que vimos é possível afirmar que a experiência da autora cria, em contrapartida, uma escrita marcada pelo deslocamento, cuja manifestação observamos por meio da fragmentação dos relatos, das falhas da memória, pelo tratamento dado às línguas, de modo a termos o que poderíamos denominar uma estética migrante.

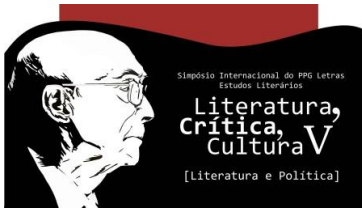
Ao ser convidada pela entrevistadora Silvia Hopenhayn a refletir sobre a relação entre língua e pátria, Molloy afirma: “la gente pregunta: *do you feel at home in english?*, por ejemplo, queriendo saber si la persona se siente cómoda hablando en inglés. Pero los límites de la expresión se vuelven patentes cuanto te sentís *at home* (en casa, a gusto) en más de un idioma, como en mi caso, porque entonces no te sentís del todo *at home* en ninguno” (MOLLOY. Entrevista a Hopenhayn, 2006).

Temos novamente em sua fala o espaço intersticial que a nosso ver caracteriza toda a escritura da autora. Outro aspecto que nos chama atenção é o fato curioso de que embora tenha publicado ensaios e crítica literária em língua inglesa, Molloy escreve todos os seus quatro livros – novelas e autobiografia – em espanhol, o que denota uma interessante postura da escritora. O que poderia representar essa eleição? Sobre isso é necessário que se pense ainda, mas arriscamos uma hipótese: ao falar de experiências, a língua materna poderia figurar como o desejo da volta ao *home*, do reencontro com aquilo que já se perdeu, a defesa das vivências pela língua da pátria, ainda que hibridizada por expressões da(s) língua(s) do outro.

A modo de conclusão: escritura *desplazada* ou a estética migrante como um modo de multiterritorializar-se

Ricardo Piglia, ao falar sobre o escritor argentino, defende como seu modo de escrita aquela derivada de uma “mirada estrábica”. Segundo ele, a identidade desse escritor é forjada não no lar (*home*), mas sempre fora dele, em um outro espaço que é desconhecido, estrangeiro. Único lugar em que ele pode se constituir como sujeito.

Essa seria, segundo o autor, a condição primeira do escritor argentino. Então podemos pensar como essa condição, agravada pelo deslocamento “real”, age como propulsor do trabalho com o material literário. Em diversas entrevistas Molloy afirma que quando se fala na Argentina, ela logo pensa em instabilidade e mudanças, inclusive no que se refere a sua



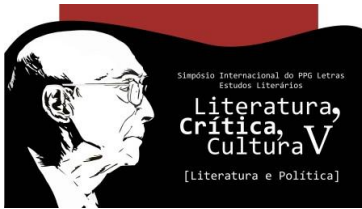
ISSN: 1983-8379

relação com escritores argentinos, que segundo a autora, “son todos maestros de la ambigüedad, del desasosiego. Borges desde luego, pero también Silvina Ocampo, Norah Lange, José Bianco. Son como presencias tutelares en mi escrituras [...] me hicieron descubrir la entonación que asocio con la Argentina. Creo que en esa entonación se da para mí el punto de contacto entre país y literatura” (MOLLOY. Entrevista a Hopenhayn, 2006). O que a autora ressalta aqui é que há uma ligação intrínseca entre literatura e pátria, entre seu fazer literário e a Argentina, ainda que de maneira marcadamente migrante.

Abril Trigo, no ensaio “Epistemologías de la frontera. Fronteras de la epistemología” trabalha o conceito de fronteira, que representa, como sabemos tanto um limite “físico”, demarcador, quanto simbólico. A fronteira cria um território e faz com que ele se distinga dos outros territórios pela separação. Trigo opõe o conceito de fronteira ao de *frontería*, pois enquanto a fronteira marca o limite entre o eu e outro, a *frontería* privilegia o contato e o avanço. Ela seria uma dimensão singular da experiência fronteiriça produzida no contato com o outro. Em suas palavras, “más liminaridad que límite, la frontería es un permanente desplazamiento (TRIGO, 1997, p. 80).

Pensando em escritores como Sylvia Molloy, podemos perguntar-nos de que modo eles vivem as fronteiras. Pela análise de suas entrevistas e reflexões sobre esse tema, notamos que a escritora é consciente do território, de estar “afuera”, mas que em sua produção transforma em *frontería* o que poderia ser somente fronteira. Trigo, citando Anzaldúa diz algo que é muito importante para pensarmos essa análise: “hay una única manera de vivir (en) la frontera como extranjeros. Como extranjeros en casa, como en casa de extranjero, porque la extranjería es la única casa posible (TRIGO, 1997, p. 83). Diz ainda “Del otro lado - siempre del otro lado, como una imposibilidad – queda el pensamiento del afuera: pura frontería” (p. 83). Seria esse o lugar do escritor que vive e escreve fora de seu país? Sua enunciação se faria sempre num espaço inapreensível como a *frontería*, que está sempre além?

Para pensar sobre essa questão, temos que considerar uma outra, já postulada no princípio do trabalho e que diz respeito à forma como a escrita migrante de Molloy, e por extensão a de tantos outros autores em situação semelhante, participa da literatura latino-americana e nacional. Nesse sentido, um estudo da pesquisadora chilena Ana Pizarro nos ajuda a compreender essas relações aqui questionadas. Em 2006 Pizarro publica um ensaio

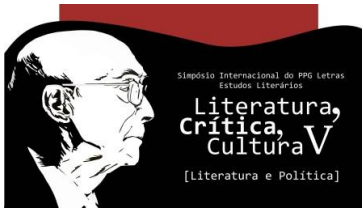


ISSN: 1983-8379

intitulado “Áreas Culturais na modernidade tardia”, no qual propõe o conceito de áreas ou zonas literárias. Essas zonas apresentariam, segundo ela, características comuns, aspectos que lhes dariam *status* de zonas culturais. A pesquisadora menciona as áreas mesoamericana e andina, a do Caribe, uma que abrangeria o Brasil, entre outras. Além das mencionadas, Pizarro chama a atenção para outra zona que se forma na modernidade tardia e cuja característica marcante é o fato de ser extraterritorial, isto é, se constitui a partir da migração dos latino-americanos nos Estados Unidos. Pizarro define essa área cultural que se forma desde os últimos 30 anos como sendo a de uma cultura que se situa em um espaço des-situado, ou, para usar uma expressão que a autora retoma de Homi Bhabha, que se encontra *in-between*. A proposição dessa zona extraterritorial, cujo elo diz respeito à experiência do fora, vivenciado por autores como Sylvia Molloy, nos remete àquela questão da estética migrante e sua relação com o nacional.

Elena Palmero González em ensaio intitulado “Espaços da imaginação migrante na literatura hispano-canadense: uma topologia imaginada no universo criativo de Nela Rio” atenta para a importância de se considerar, no âmbito dos estudos literários, uma nova forma de organização que leve em consideração essas práticas que têm “lugar” fora de seu “lugar”, isto é, num território não-nacional. A literatura produzida nesse contexto conformaria discursos de certo modo privilegiados pela multiplicidade de perspectivas adotadas por esses autores. O lugar, por sua vez, apareceria metaforizado em certas temáticas, como a da viagem, do corpo, do regresso; observação que nos parece muito pertinente para a leitura da obra de Molloy, que está fortemente permeada por esses tópicos. A ensaísta se refere, embora com palavras distintas – “entre-espaço” – ao mesmo aspecto topicalizado por Pizarro, de modo que ambas apontam para um possível lugar dessa escrita migrante, o qual seria antes de tudo simbólico, não localizável de forma precisa pela geografia. Temos assim uma escritura outra, marcada por essa diferença de perspectiva.

Pensar na relação de Molloy com a literatura argentina pode ser, talvez, pensar o “estrangeirismo” como única casa possível, perceber como ela trabalha essa condição em seu fazer literário, como retorna a seu país, a um *home*, pela via da escrita. Para ela e talvez para muitos outros escritores exilados, a volta se dá sempre pela palavra, por meio de estratégias diversas, como algumas vistas ao longo da análise. Seria esse lugar não mapeável uma saída



ISSN: 1983-8379

para as fronteiras estabelecidas pelos próprios discursos? Talvez, e quanto a isso ainda há mais perguntas que respostas, essa zona literária extraterritorial esteja apontando para o que Haesbaert chama de multiterritorialidade. Estar além, sem deixar de pertencer. Pertencer, mas estar em outro lugar. Tentar o retorno pela escritura, consciente de que o fato de ter ido embora coloca esse sujeito sempre em outra parte. Aqui e lá, dentro e fora, ao mesmo tempo. Estética migrante que faz nascerem textos participantes de outros territórios, que questionam territorialidades, ao mesmo tempo em que atestam sua existência, criando, assim, um espaço na escrita que se afirma como seu, e como possível modo de resistência. Há ainda muito a ser pensado no que se refere à literatura do escritor migrante, especialmente no que concerne a sua relação com a própria atividade literária e a de seu país; por isso chegar a alguma conclusão é, na verdade, abrir espaço para mais questionamentos.

Referências bibliográficas

GONZÁLEZ, Elena Palmero. Estéticas da imaginação migrante na literatura hispano-canadense: uma topologia imaginada no universo criativo de Nela Rio. In.: CARRIZO, Silvina L.; NORONHA, Jovita M. G. (org.) Território & Cultura: Relações literárias interamericanas. Juiz de Fora: Editora da UFJF, 2011.

HAESBAERT, Rogério. O mito da desterritorialização. Do “fim dos territórios” à multiterritorialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

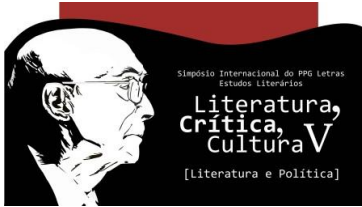
_____. Da desterritorialização à multiterritorialidade. Anais do X Encontro de Geógrafos da América Latina – 20 a 26 de março de 2005 – Universidade de São Paulo. Disponível em: http://www.planificacion.geoamerica.org/textos/haesbaert_multi.pdf. Acesso em: 09 jan. 2011.

MOLLOY, Sylvia. Vale o escrito: a escrita autobiográfica na América hispânica. Trad. Antônio Carlos Santos. Chapecó: Argos, 2003a.

_____. Varia Imaginación. Rosario: Beatriz Viterbo, 2003b. 111p.

_____. Saldos y retazos. Página 12, 28 de outubro de 2003. Entrevista concedida a Ariel Schettini. Disponível em:

<http://www.beatrizviterbo.com.ar/zunino/zz_part.php?id=211&sec=Entrevistas>. Acesso em: 10 jan. 2011.



ISSN: 1983-8379

_____. Memoria de una juventude en Olivos. Clarín.com, 26 de Julho de 2003. Entrevista concedida a Bruno Massare. Disponível em: <<http://edant.clarin.com/suplementos/cultura/2003/07/26/u-00601.htm>>. Acesso em: 10 jan. 2011.

_____. Los desplazamientos del lenguaje. La argentinidad... Al Palo, 4 de novembro de 2006. Entrevista disponível em: <<http://luchadores.wordpress.com/2006/11/04/entrevista-a-la-escritora-y-critica-sylvia-molloy/>>. Acesso em: 10 jan. 2011.

_____. Entrevista a Silvia Hopenhayn. La Nación, março 25, 2006. Disponível em: <http://www.con-versiones.com/nota0542.htm>. Acesso em: 14 jan. 2011.

_____; SISKIND, Mariano (eds.). Poéticas de la distancia: adentro y afuera de la literatura argentina. Buenos Aires: Grupo Editorial Norma, 2006.

PIGLIA, Ricardo. Memoria y tradición, In: Literatura e memória cultural – Anais do 2º Congresso ABRALIC, vol. I, Belo Horizonte, 1991, pp. 60-66.

PIZARRO, Ana. Áreas culturais na modernidade tardia. In.: O sul e os trópicos: ensaios de cultura latino-americana. Trad. Irene Kallina, Liege Rinaldi. Niterói: Ed. Da Universidade Federal Fluminense, 2006.

TERKENLI, Theano S. “Home as a region”. In.: Geographical Review, vol. 85, n. 3, p. 324-334, mai-jul. 1995.

TRIGO, Abril. Fronteras de la epistemología: epistemologías de la frontera. In.: Papeles de Montevideo, Montevideo, n.1, p. 71-89, jun. 1997.